

# Amalia Giacomini





Amalia Giacomini

# Amalia Giacomini

São Paulo, 1974. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Amalia é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAU USP, pós-graduada em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC- Rio e Mestre em Linguagens Visuais pela EBA UFRJ. É professora de história da arte no curso de Arquitetura da PUC-Rio.

Expôs seu trabalho em diversas instituições do país como Instituto Tomie Othake (SP) Itaú Cultural (SP), Museu da Casa Brasileira (SP), Museu Brasileiro da Escultura (SP), Paço Imperial (RJ), Centro Cultural São Paulo, Centro Universitário Maria Antonia da USP (SP), Galerias da FUNARTE (RJ e DF), Centro Cultural Sérgio Porto (RJ), Museu de Arte Contemporânea do Paraná (Curitiba), MAC de Niterói, Centro Cultural Dragão do Mar (Fortaleza), entre outros. Em 2005 ganhou o prêmio Projéteis de Arte Contemporânea da FUNARTE e participou da mostra Projéteis FUNARTE do Ano do Brasil na França, em Paris.

Em 2009 realizou a individual Libérer l'horizon réinventer l'espace, na galeria da Cité des Arts, em Paris; em 2012 apresentou a exposição individual The Invisible Apparent na Galeria Nacional de Praga.

Amalia holds a degree in Architecture and Urbanism from FAU USP, a postgraduate degree in Art History and Architecture in Brazil from PUC-Rio, and a Master's degree in Visual Languages from EBA UFRJ. She teaches art history in the Architecture course at PUC-Rio.

She has exhibited her work in various institutions across the country, such as Instituto Tomie Othake (SP), Itaú Cultural (SP), Museu da Casa Brasileira (SP), Museu Brasileiro da Escultura (SP), Paço Imperial (RJ), Centro Cultural São Paulo, Centro Universitário Maria Antonia da USP (SP), FUNARTE galleries (RJ and DF), Centro Cultural Sérgio Porto (RJ), Museu de Arte Contemporânea do Paraná (Curitiba), MAC de Niterói, Centro Cultural Dragão do Mar (Fortaleza), among others. In 2005, she won the Projéteis de Arte Contemporânea prize from FUNARTE and participated in the Projéteis FUNARTE exhibition of the Year of Brazil in France, in Paris.

In 2009, she held the solo exhibition "Libérer l'horizon réinventer l'espace" at the gallery of the Cité des Arts in Paris; in 2012, she presented the solo exhibition "The Invisible Apparent" at the National Gallery in Prague.

[SAIBA MAIS](#)

[LEARN MORE](#)

**Exposições selecionadas**  
**Selected exhibitions**

# Flutuações

Galeria Lume | São Paulo, 2024

## Desenhos

Antes era o verbo? E antes dele o tempo. Com ele, as primeiras formas em desenhos pictóricos, imagéticos. Animais, objetos, símbolos pintados na parede para registrar informações. E o tempo. Formas se simplificam e abstraem para criar sons, fonemas e, em seguida, geram códigos: linhas criam letras desenhadas que juntas fazem “céu”, “casa”, “cavalo” – com traços distintos dos pequenos pontos aglomerados, do triângulo sobreposto a um quadrado ou um torso e quatro patas.

Letras desenhadas fazem “flutuar”, que antes de significar o estado de um corpo suspenso no ar ou em superfície líquida, vem do latim “fluctus”: “onda” ou “movimento ondulatório”, portanto, enquanto verbo, se referia ao ato de oscilar, mover-se em ondas.

No dicionário a palavra se explica, na poesia, volta a ser imagem primordial. Se distrair dessa simples sentença pode nos confundir na exposição de Amália Giacomini. Enquanto imaginava que já a havia compreendido relacionando obras recentes sobre matemática, linhas catenárias<sup>1</sup>, correntes curvadas suspensas sob o peso da gravidade, ela comentou: “tenho pensado em bichos do mar. Eu vejo arraias.” As letras que formaram onda, desenharam um animal, corpo suspenso no espaço. Preso ao glossário, eu não vi..

## Drawings

Was it the verb before? And before it, time. With it, the first forms in pictorial, imagetic drawings. Animals, objects, symbols painted on the wall to record information. And time. Forms simplify and abstract to create sounds, phonemes, and then generate codes: lines create drawn letters that together make “sky”, “house”, “horse” – with distinct strokes from small clustered dots, from the triangle superimposed on a square or a torso and four legs.

Drawn letters make “float”, which before meaning the state of a body suspended in the air or on a liquid surface, comes from the Latin “fluctus”: “wave” or “undulatory movement”, therefore, as a verb, it referred to the act of oscillating, moving in waves.

In the dictionary, the word is explained, in poetry, it becomes a primordial image again. To be distracted from this simple sentence can confuse us in Amália Giacomini’s exhibition. While imagining that I had already understood it by relating recent works on mathematics, catenary lines, curved chains suspended under the weight of gravity, she commented: “I have been thinking about sea creatures. I see stingrays.” The letters that formed wave, draw an animal, a body suspended in space. Bound to the glossary, I didn’t see...

Manoel de Barros diria que:  
No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a criança diz:  
eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não  
Funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta,  
que é a voz  
De fazer nascimentos -  
O verbo tem que pegar delírio.

Instalação ou mostra, como queira nomear, "Flutuações, de Amália Giacomini é justamente a alteração da função, delírio do verbo, geometria em mar, desenho esculpido. Desenho: este era o outro nome que a artista havia pensado para as obras. No descomeço era o verbo e eu não vi. Ficamos com os dois: imagem e palavra.

**Paulo Kassab Jr.**

1. As catenárias são curvas matemáticas que surgem naturalmente quando uma corrente flexível ou um cabo uniformemente flexível é suspenso entre dois pontos fixos. A forma da catenária é determinada pela força da gravidade atuando sobre o cabo, resultando em uma curva suave e simétrica. Esse tipo de curva tem sido estudado em várias áreas, incluindo matemática, física e engenharia, devido à sua relevância em problemas práticos relacionados com a resistência de materiais, como a construção de pontes suspensas e a modelagem de cabos elétricos e correntes. O termo "catenária" vem do latim "catena", que significa "corrente".

Manoel de Barros would say:  
In the unbeginning was the verb.  
Only later came the delirium of the verb.  
The delirium of the verb was at the beginning, there, where the child says:  
I hear the color of the birds.  
The child doesn't know that the verb "hear" doesn't  
Work for color, but for sound.  
So if the child changes the function of a verb, it deliriums.  
And therefore.  
In poetry that is the poet's voice,  
which is the voice  
Of making births -  
The verb has to catch delirium.

Installation or exhibition, as you wish to name it, "Fluctuations, by Amália Giacomini is precisely the alteration of function, delirium of the verb, geometry in sea, sculpted drawing. Drawing: this was the other name that the artist had thought for the works. In the unbeginning was the verb and I didn't see. We stick with both: image and word.

**Paulo Kassab Jr.**

1. Catenaries are mathematical curves that naturally arise when a flexible chain or uniformly flexible cable is suspended between two fixed points. The shape of the catenary is determined by the force of gravity acting on the cable, resulting in a smooth and symmetrical curve. This type of curve has been studied in various fields, including mathematics, physics, and engineering, due to its relevance in practical problems related to material resistance, such as the construction of suspension bridges and the modeling of electrical cables and chains. The term "catenary" comes from the Latin "catena," meaning "chain."



**Flutuações**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2024





**Flutuações**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2024



**Flutuações**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2024

# Canteiro

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2021

## Canteiro

Nossa visão do mundo surge de constantes e variadas interações. Somos a soma de inúmeras sensações de ordem visual, auditiva, olfativa e tátil. Não se pode escapar do fato de que pessoas criadas em ambientes distintos, também vivem em mundos sensoriais diferentes.

Tudo o que fazemos e somos está vinculado à vivência do espaço. Se toda experiência humana é espaço-temporal, em “Canteiro” Amália brinca, desconstrói e ressignifica o espaço com a certeza de que dele depende a infalibilidade da memória e do tempo. É neste jogo que surge o encantamento: destituído de padrões adquiridos e da obrigação do olhar funcional, o espectador desperta imediatamente para aspectos normalmente imperceptíveis.

Qual a função da dobradiça senão dobrar (“Dobra Dura”)? Decerto a mesma de um “abridor de amanhecer<sup>1</sup>”, um “encolhedor de rios<sup>1</sup>” ou um “esticador de horizontes<sup>1</sup>”, desconstruir a imagem, deslocar o olhar do útil, fazer

## Plat

Our view of the world arises from constant and varied interactions. We are the sum of countless visual, auditory, olfactory, and tactile sensations. One cannot escape from the fact that people raised in different environments also inhabit different sensory worlds. Everything we are and we do is linked to the experience of space.

If every human experience is spatio-temporal, in “Canteiro” (Construction Site) Amália plays, deconstructs, and resignifies space with the certainty that the infallibility of memory and time depends on it. It is in this game that enchantment arises: devoid of patterns acquired and the obligation of a functional eye, the viewer immediately awakens to aspects usually imperceptible.

What is the function of a hinge if not to bend (“Dobra Dura” [Hard Fold])? Certainly, the same as an “abridor de amanhecer” (dawn opener),<sup>1</sup> an “encolher de rios” (river shrinking)<sup>1</sup> or an “esticador de horizontes” (horizon

imaginar ou fazer poesia. Veja bem o que diz a imagem no “Quadro negro”, talvez o nome da obra não seja acaso, mas um alerta, uma instrução. Nem tudo está ali. Amalia Giacomini é uma artista do espaço.

Utilizando-se de materiais corriqueiros como madeirite, correntes, linhas de costura e giz, suas obras constroem lugares únicos a partir do diálogo minucioso e preciso com o local de sua instalação. Na busca pelo desvio que singulariza o objeto, ou pelo ângulo que distorce o racional, “Canteiro” relembra que “Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória”. (Bachelard, 1993, p. 28-29)

**Paulo Kassab Jr.**

1. BARROS, Manuel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro.

stretcher]1: to deconstruct the image, displace the eye of usefulness, make imagine, or create poetry. Take a close look to what the image on “Quadro negro” (Blackboard) says, perhaps the name of the work is not a fluke, but an alert, an instruction. Not everything is there.

Amalia Giacomini is a space artist. Using ordinary materials such as wood, chains, sewing threads, and chalk, her works create unique places based on a meticulous and precise dialogue with the locations of her installations. In the search for the deviation that singles out the object, or for the angle that distorts the rational, “Canteiro” recalls that “Here space is everything, for time ceases to quicken memory.” (Bachelard, 1993)

**Paulo Kassab Jr.**

1 BARROS, Manuel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro.



**Canteiro**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2021



**Canteiro**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2021



**Canteiro**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2021



# **Borderline**

LURIXS Arte Contemporânea | São Paulo, Brasil, 2021

## COMO HABITAR O MUNDO

Há quase duas décadas, a produção de Amalia Giacomini se interessa pelo espaço. Talvez o que tenha se tornado cada vez mais visível ao longo dos anos e dos trabalhos tenha sido o espaço tridimensional, arquitetônico. Não só aquele voltado para a arte (como galerias, museus, centros culturais) como outros, com diferentes usos (ou em desuso), ou mesmo as fachadas – esse lado da arquitetura voltado para fora e menos protegido dos imprevistos e dos descontroles do mundo. Há também o espaço do plano bidimensional, onde seu pensamento renova e reafirma interesse ao longo do tempo, em seus desenhos e intervenções na superfície, e até mesmo na sua apropriação da parede. Mas há outro espaço, esse abstrato, que é ponto de partida e motor dessa produção: o lugar entre o projeto e a realidade, a fronteira entre pensar e detalhar no papel todas as etapas para construção de algo, e depois, tornar essa construção possível no mundo real.

O termo *borderline*, que dá nome à esta exposição, significa fronteira, ou, mais literalmente, linha de fronteira. Uma linha que marca o limite entre duas coisas diferentes, colocadas física ou teoricamente lado a lado. A zona cinza, nublada, que marca essa situação de passagem, oscilando entre os dois lados. Essa situação de fronteira, do lugar entre projeto e mundo real, marca esta individual de Amalia Giacomini. As obras de sua produção recente reunidas aqui se interessam por esse espaço entre, e na linha como elemento fundador. São construídas utilizando itens corriqueiros como tapumes, correntes, linhas de costura, grafite, giz, metal, vidro, madeira – muitos encontrados em canteiros de obras – tratados aqui quase como corpos, a partir do interesse da artista em suas características individuais (e não por sua habilidade de fingirem ser o que não são). A eles se juntam outros corpos – da artista e do público – na construção e experiência do espaço.

## HOW TO INHABIT THE WORLD

For almost two decades, Amalia Giacomini's work has been interested in space. Perhaps what has become increasingly visible over the years and through her works has been three-dimensional, architectural space. Not only the spaces dedicated to art (such as galleries, museums, cultural centers) but also others, with different uses (or disuse), or even the facades – that outward-facing side of architecture, less shielded from the unforeseen and uncontrollable aspects of the world. There is also the space of the two-dimensional plane, where her thought renews and reaffirms interest over time, in her drawings and surface interventions, and even in her appropriation of the wall. But there is another space, abstract, that is the starting point and engine of this production: the place between the project and reality, the border between thinking and detailing on paper all the stages for the construction of something, and then making that construction possible in the real world.

The term “borderline,” which gives its name to this exhibition, means border, or, more literally, border line. A line that marks the limit between two different things, placed physically or theoretically side by side. The gray, cloudy zone that marks this transitional situation, oscillating between the two sides. This border situation, the place between project and real world, marks this individual exhibition by Amalia Giacomini. The works of her recent production gathered here are interested in this in-between space, and in the line as a founding element. They are constructed using everyday items such as fences, chains, sewing lines, graphite, chalk, metal, glass, wood – many found on construction sites – treated here almost like bodies, based on the artist's interest in their individual characteristics (and not for their ability to pretend to be something they are not). They are joined by other bodies – those of the artist and the public – in the construction and experience of space.

As obras de Amalia Giacomini são como exercícios da dúvida. É como se testassem os limites da promessa geométrica de racionalidade, intencionalidade e precisão, incorporando imprevistos e imprecisões do real. Essa dinâmica é marcada não por uma frustração, mas por ironia e provocação. A geometria não como ponto de chegada, mas como ponto de partida para a discussão do mundo e de como habitá-lo. Há nesse “como habitá-lo” na produção da artista e no título deste ensaio, uma interrogação implícita. As obras reunidas em *Borderline* não são um elogio à geometria e muito menos se propõem a dar soluções ou justificativas para suas limitações. Ao contrário, evidenciam os limites de seus fundamentos.

Ainda do lado de fora, *Cátenas* (2021) ocupa a fachada da galeria e a empena do prédio vizinho. Dez linhas-correntes fixadas pelas pontas, em intervalos regulares, formam um plano curvo. A grande escala da peça ironicamente se contrapõe à operação mínima promovida pela artista: a curva formada pelas linhas, em formato semelhante a letra U, obedece ao princípio matemático da catenária, no qual um cabo flexível suspenso, fixado apenas por suas extremidades, está sujeito à força de seu próprio peso (gravidade). Aqui, como em boa parte de sua produção, Amalia nos dá a ver o que sempre esteve presente, mas permaneceu invisível. Por estar fora do cubo branco, a peça “reage” às condições externas: em dias de sol, seu material a faz brilhar, o vento a faz ganhar movimentos imprevistos, e à noite, a iluminação faz com que ela se multiplique através de suas sombras. Essa sensação se dá também quando nos aproximamos da peça, e ao invés de vê-la “enquadrada”, contra a parede, nos colocamos de baixo dela, e percebemos seu peso, e o potencial risco da posição que estamos.

Já dentro da galeria, outra obra com correntes também chama atenção para esta arquitetura específica. *Vão* (2021) evidencia uma abertura, utilizada originalmente para a passagem de obras entre os andares. Correntes

Amalia Giacomini’s works are like exercises in doubt. It’s as if they test the limits of the geometric promise of rationality, intentionality, and precision, incorporating the unforeseen and imprecisions of the real. This dynamic is marked not by frustration but by irony and provocation. Geometry is not a point of arrival but a starting point for discussing the world and how to inhabit it. In this “how to inhabit it” in the artist’s production and in the title of this essay, there is an implicit interrogation. The works gathered in *Borderline* are not an ode to geometry, nor do they propose solutions or justifications for its limitations. On the contrary, they highlight the limits of its foundations.

Still on the outside, “*Cátenas*” (2021) occupies the gallery’s facade and the gable of the neighboring building. Ten chain lines fixed at the ends, at regular intervals, form a curved plane. The large scale of the piece ironically contrasts with the minimal operation promoted by the artist: the curve formed by the lines, in a shape similar to the letter U, follows the mathematical principle of the catenary, in which a flexible suspended cable, fixed only at its ends, is subject to the force of its own weight (gravity). Here, as in much of her production, Amalia shows us what has always been present but remained invisible. Because it is outside the white cube, the piece “reacts” to external conditions: on sunny days, its material makes it shine, the wind makes it move unexpectedly, and at night, the lighting makes it multiply through its shadows. This sensation also occurs when we approach the piece, and instead of seeing it “framed,” against the wall, we position ourselves beneath it and perceive its weight, and the potential risk of the position we are in.

Already inside the gallery, another work with chains also draws attention to this specific architecture. “*Vão*” (2021) highlights an opening, originally used for the passage of works between floors. Chains hang from the first

pendem do primeiro andar até chegar ao térreo. A diferença entre as alturas das correntes tensiona o olhar, que inquieto encontra o plano distorcido insinuado pela artista. Aqui, o vazio tem tanto peso e presença quando o espaço ocupado. O vazio ativo, como forma, relevando que parte da objetividade geométrica pode ser encontrada na subjetividade da percepção. Essa espécie de investigação sobre o plano, também se dá nas séries Quadro Negro (2021) e Descolamentos (2021). As linhas de um grid (estruturas geométricas recorrentes na produção da artista, assim como tramas e malhas) são desenhados sobre carpete preto ou papel, com giz ou grafite. Sobre elas, linhas reais são costuradas, mas com alguns pontos de deslocamentos, embaralhando nossa percepção sobre o bi e o tridimensional, criando uma ilusão de movimento.

Certa virtualidade também está presente na série Entreabertos-horizontes (2021). As estruturas de metal, articuladas em diferentes ângulos, lembram janelas e nelas, peças de vidro, de alturas variadas e certa continuidade, parecem à distância reproduzir uma espécie de linha do horizonte. Ironicamente, é quase impossível olhar para esse trabalho e não pensar não só na história da paisagem, mas também na história da pintura: a ilusão do plano pictórico, que a partir da busca da representação fiel da realidade e o uso de recursos como a perspectiva construía no plano bidimensional a ilusão de profundidade, como se estivéssemos vendo aquela cena através de uma janela. Aqui, os planos que se sobrepõem não são de tinta, mas dos vidros, e conforme se caminha pela peça, é possível experimentar diferentes ângulos de sobreposição e com isso diferentes reflexos e composições da “paisagem” ao redor.

Essa obra chama atenção para outro aspecto da produção de Amalia Giacomini. Além do corpo da arquitetura e do público, ela também lida com os materiais como se esses fossem corpos. Ou seja, ao escolher tapumes, giz, correntes, linhas ou vidros, ela se interessa por suas

floor to the ground floor. The difference in heights of the chains tensions the gaze, which, restless, encounters the distorted plane suggested by the artist. Here, the void has as much weight and presence as the occupied space. The active void, as a form, reveals that part of geometric objectivity can be found in the subjectivity of perception. This sort of investigation into the plane also occurs in the series “Quadro Negro” (2021) and “Descolamentos” (2021). Grid lines (structures recurring in the artist’s production, as well as weaves and meshes) are drawn on black carpet or paper, with chalk or graphite. Real lines are sewn on them, but with some displacement points, scrambling our perception of the bi and three-dimensional, creating an illusion of movement.

A certain virtuality is also present in the series “Entreabertos-horizontes” (2021). Metal structures, articulated at different angles, resemble windows, and within them, glass pieces, of varied heights and a certain continuity, seem from a distance to reproduce a sort of horizon line. Ironically, it is almost impossible to look at this work and not think not only of the history of the landscape but also of the history of painting: the illusion of the pictorial plane, which from the search for faithful representation of reality and the use of resources like perspective, built the illusion of depth on the two-dimensional plane, as if we were seeing that scene through a window. Here, the overlapping planes are not of paint but of glass, and as one walks through the piece, it is possible to experience different angles of overlap and with that, different reflections and compositions of the “landscape” around.

This work draws attention to another aspect of Amalia Giacomini’s production. In addition to the body of architecture and the public, she also deals with materials as if they were bodies. That is, by choosing fences, chalk, chains, lines, or glass, she is interested in their specific qualities, their personality, or, as Amilcar de Castro said, their character.

qualidades específicas, sua personalidade, ou, como dizia Amilcar de Castro, seu caráter. A transparência e a capacidade de reflexão do vidro são pontos-chave para a série Entreatertos-horizontes, assim como a precariedade, a cor e o peso do tapume são a base para a obra homônima. Comuns no espaço urbano, indicando uma obra em processo, dentro da galeria Tapume (2021) também implica em movimento. A forma é composta de módulos, articulados a partir de dobradiças. Linhas construídas nas dobras do material. O público pode mexer nas peças, evidenciando sua potência tridimensional pelas dobras possíveis, tirando-a de seu descanso bidimensional, toda encostada na parede quase como uma pintura.

Lidando com outra escala, Dobra-dura (2021) também toma partido da possibilidade – aqui, na frustração da possibilidade. Também construída com referência a tapumes, o uso das dobradiças, além da sonoridade do título e o tamanho da peça, criam a expectativa lúdica inicial de movimento entre as partes. O hífen, que separa os termos “dobra” e “dura”, imperceptível até então, se faz incontornável. A dinâmica de tentativa e erro na capacidade do olhar também está no conjunto Desaprumos (2021). Diretamente no chão, placas de madeira – algumas forradas de carpete preto – parecem formar caixas, ainda em processo de montagem. Suas faces inclinadas em diferentes ângulos, misturam em golpes de vista as ideias de dentro e fora, convocam nosso olhar a tentar “montar” da “maneira correta”, mesmo que virtualmente, essa forma. O movimento insinuado pela angulação das placas, como se fossem vetores indicativos de direção, continua nessa tentativa individual de resolver a forma do cubo, que se estende até que se perceba, em última instância, que sempre estivemos diante do blefe da geometria.

**Fernanda Lopes**

The transparency and reflective capacity of glass are key points for the “Entreatertos-horizontes” series, just as the precariousness, color, and weight of the fence are the basis for the homonymous work. Common in urban spaces, indicating a work in progress, inside the gallery “Tapume” (2021) also implies movement. The form is composed of modules, articulated from hinges. Lines built into the folds of the material. The public can move the pieces, highlighting their three-dimensional potential through possible folds, taking it out of its two-dimensional rest, all leaned against the wall almost like a painting.

Dealing with another scale, “Dobra-dura” (2021) also takes advantage of the possibility – here, the frustration of the possibility. Also built with reference to fences, the use of hinges, in addition to the sonority of the title and the size of the piece, creates the initial playful expectation of movement between the parts. The hyphen, which separates the terms “fold” and “hard,” imperceptible until then, becomes unavoidable. The dynamic of trial and error in the ability of sight is also present in the set “Desaprumos” (2021). Directly on the ground, wooden boards – some covered in black carpet – seem to form boxes, still in the process of assembly. Their inclined faces at different angles mix in glimpses the ideas of inside and outside, calling our gaze to try to “assemble” in the “correct way,” even virtually, this form. The movement hinted at by the angle of the plates, as if they were indicative vectors of direction, continues in this individual attempt to solve the form of the cube, which extends until it is realized, ultimately, that we have always been facing the bluff of geometry.

**Fernanda Lopes**



**Borderline**

LURIXS Arte Contemporânea | São Paulo, Brasil, 2021



**Borderline**

LURIXS Arte Contemporânea | São Paulo, Brasil, 2021



**Borderline**

LURIXS Arte Contemporânea | São Paulo, Brasil, 2021



# Entreaberto

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2017

## Entreaberto

Imagens e objetos sobrepostos de modo a suscitar a revelação de novos espaços em ambientes já conhecidos. Redesenhar o mundo ao redor para então redescobri-lo. É esse o pano de fundo de Entreaberto, primeira individual da artista paulistana Amalia Giacomini na Galeria Lume, que passa a representá-la a partir deste ano.

Com curadoria de Paulo Kassab, a mostra, que abre a partir de 2 de fevereiro, traz 14 trabalhos, entre painéis e instalações, que remetem a modelos geométricos construídos no espaço da galeria.

As obras são esquemas de representação do espaço no ambiente expositivo, somado a eles o mundo exterior. Este, por sua vez, é refletido por devaneios e pelas relações do espectador com o objeto.

“Já não há mais cisão entre sujeito e matéria. Entre o estar e o ser, o palpável e o onírico. Nas obras de Giacomini, podemos nos reconhecer novamente com o espaço e, neste caso, ser o espaço onde estamos”, afirma o curador.

## Ajar

Images and objects superimposed in order to provoke the revelation of new spaces in already known environments. Redraw the world around us and then rediscover it. This is the backdrop for Entreaberto, the first solo show by São Paulo artist Amalia Giacomini at Galeria Lume, which will represent her as of this year.

Curated by Paulo Kassab, the show, which opens on February 2nd, features 14 works, including panels and installations, which refer to geometric models built in the gallery space.

The works are representation schemes of space in the exhibition environment, in addition to the outside world. This, in turn, is reflected by daydreams and by the spectator's relationship with the object.

“There is no longer a split between subject and matter. Between being and being, the palpable and the oneiric. In Giacomini's works, we can recognize ourselves again with the space and, in this case, be the space where we are”, says the curator.

Entre os trabalhos apresentados, estão alguns painéis de acrílico da série Memória Superficial (2015). Sobre um fundo chapado de cor única, retângulos e quadrados se sobrepõem, sugerindo ao observador a reminiscência de uma edificação. “São imagens simples, que se assemelham a portas e janelas e cujos vãos são atravessados pela luz. Está ali o mínimo para o entendimento de uma situação arquitetônica, a partir da representação de espaços enxutos”, diz Amalia.

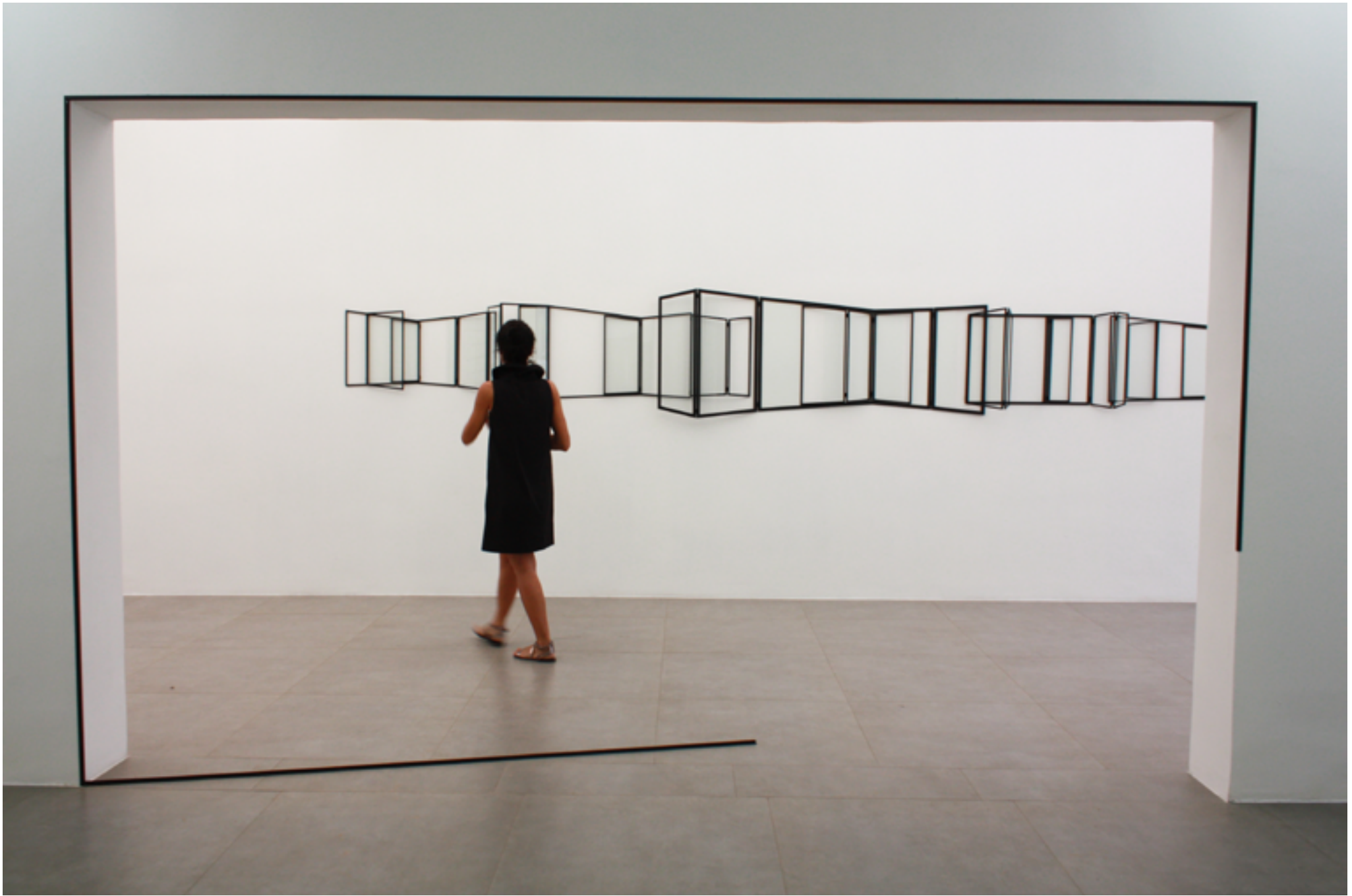
Entre as obras inéditas da artista, está Janela sem vista (2017). Construída a partir de caixilhos metálicos e placas de vidro, o objeto remete à ideia de uma janela, cuja forma depende não só do ponto de vista do espectador, mas da sua interação com ele. Do outro lado, entretanto, uma parede branca toma o lugar de uma vista qualquer. A janela – que não é janela, uma vez que não é precedida por uma abertura na construção – é entendida como tal. É um não-objeto que se define por um sistema de representação comum àquele que o observa.

**Paulo Kassab Jr.**

Among the works presented are some acrylic panels from the series Memória Superficial (2015). On a solid background of a single color, rectangles and squares are superimposed, suggesting to the observer the reminiscence of a building. “They are simple images, which resemble doors and windows and whose openings are crossed by light. There is the minimum for understanding an architectural situation, based on the representation of dry spaces”, says Amalia.

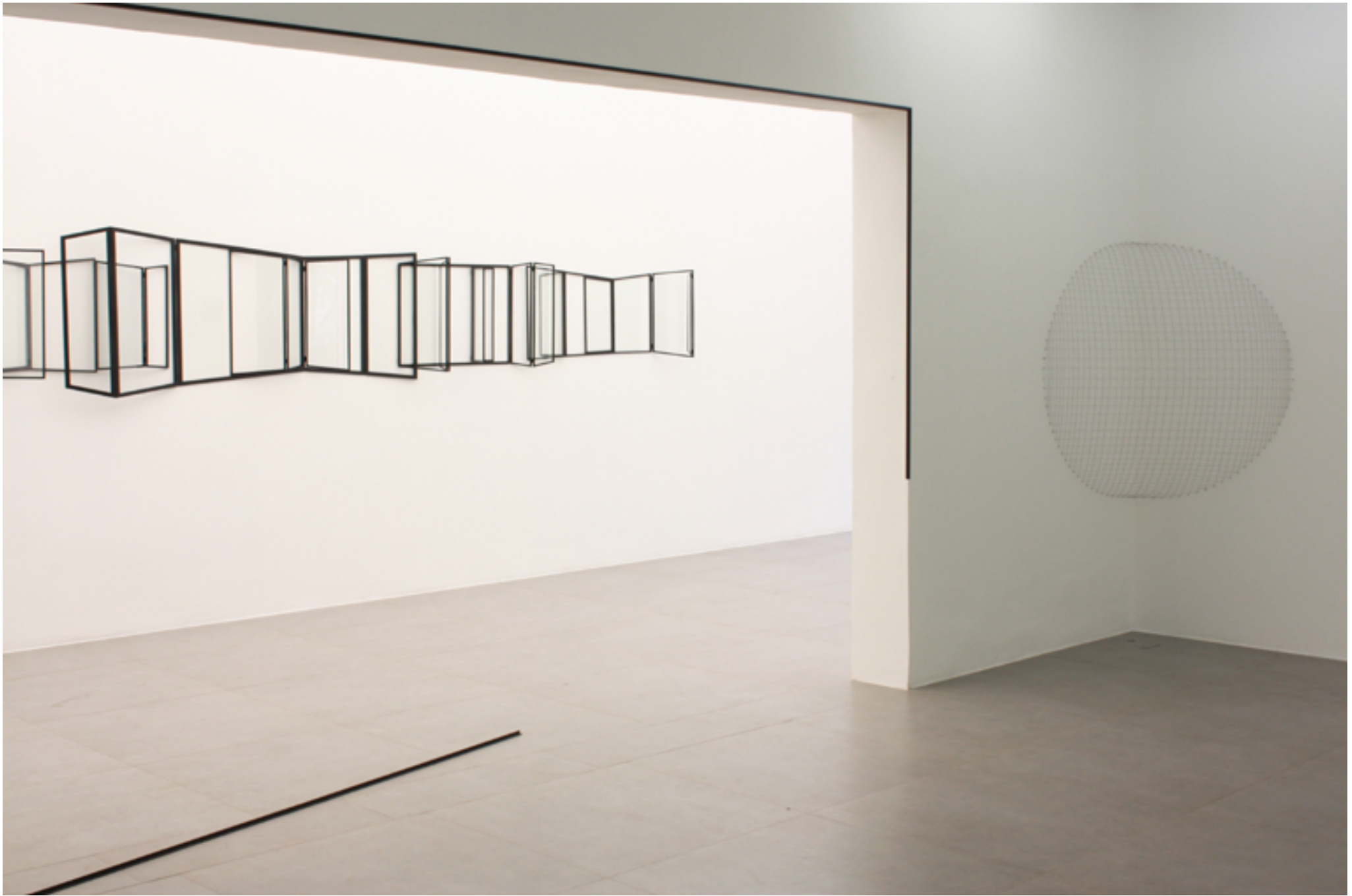
Among the artist’s unpublished works is Janela sem vista (2017). Constructed from metal frames and glass plates, the object refers to the idea of a window, whose shape depends not only on the viewer’s point of view, but on their interaction with it. On the other side, however, a white wall takes the place of any view. The window – which is not a window, since it is not preceded by an opening in the construction – is understood as such. It is a non-object that is defined by a system of representation common to the one who observes it.

**Paulo Kassab Jr.**



**Entreaberto**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2017



**Entreaberto**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2017

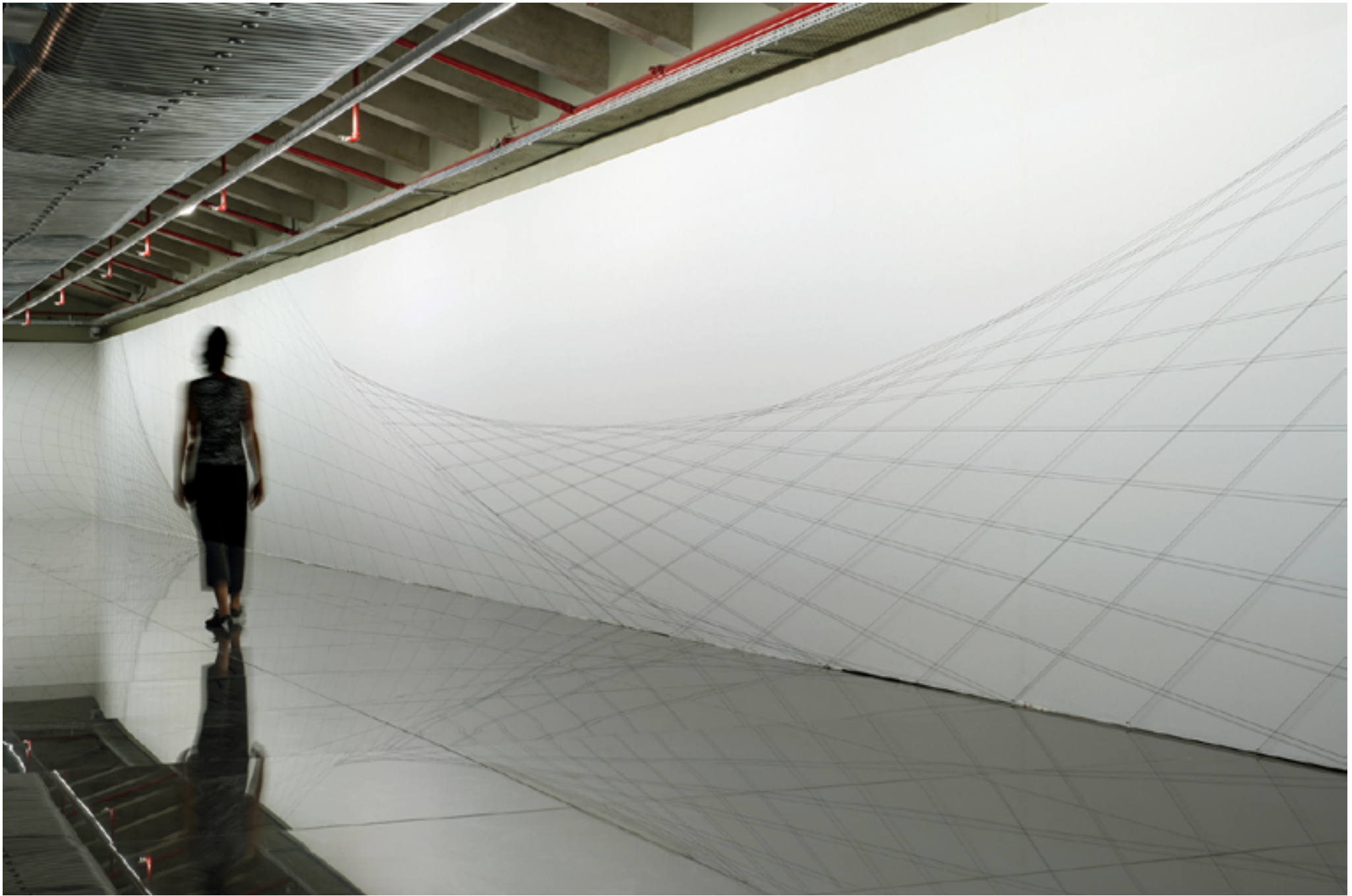


**Entreaberto**

Galeria Lume | São Paulo, Brasil, 2017

# Desmedidas

BNDES | Rio de Janeiro, Brasil, 2016



**Desmedidas**

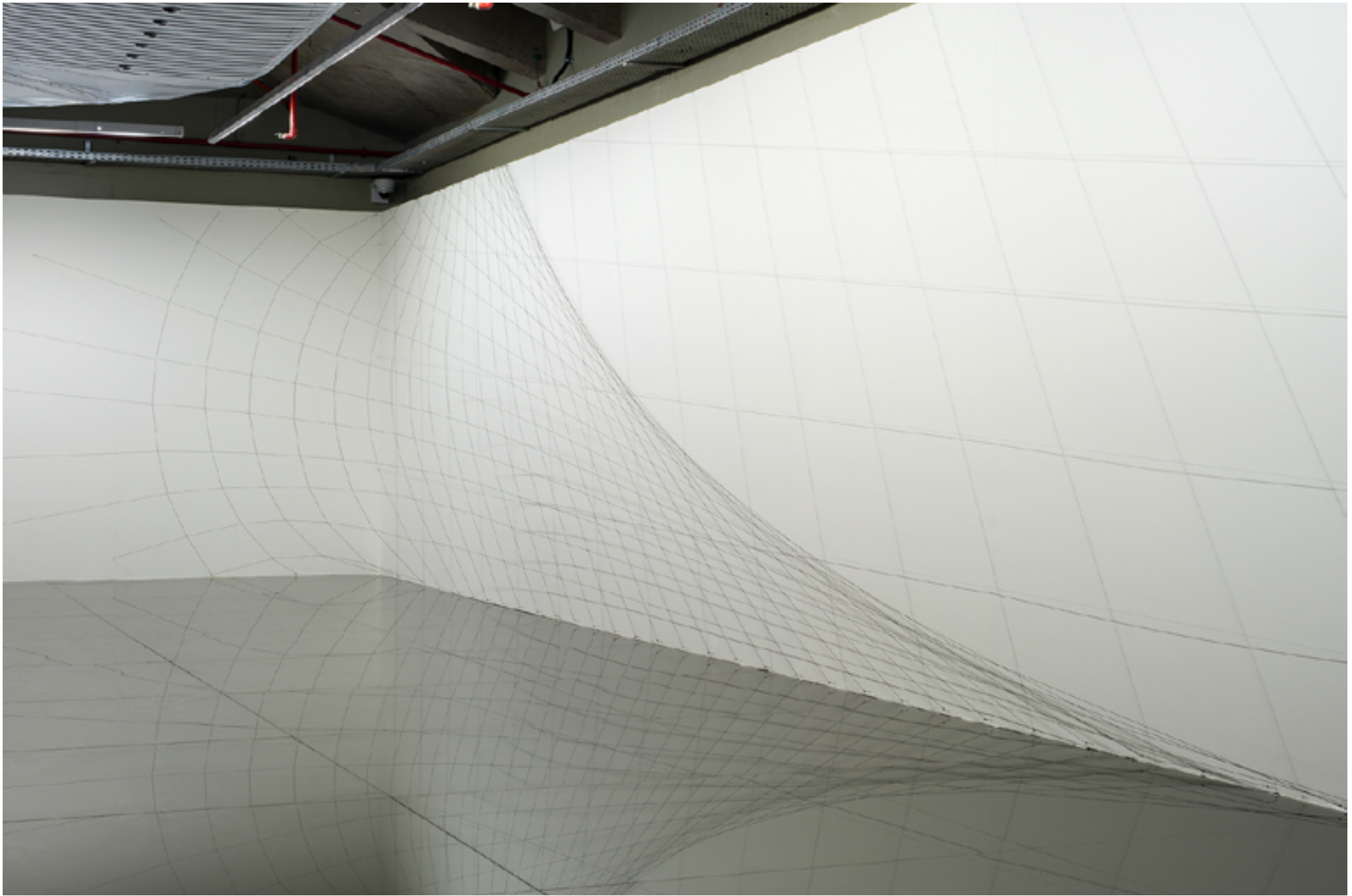
BNDP | Rio de Janeiro, Brasil, 2016





**Desmedidas**

BNDS | Rio de Janeiro, Brasil, 2016



**Desmedidas**

BNDS | Rio de Janeiro, Brasil, 2016

**Viés**

Paço Imperial | Rio de Janeiro, Brasil, 2015



Viés

Paço Imperial | Rio de Janeiro, Brasil, 2015

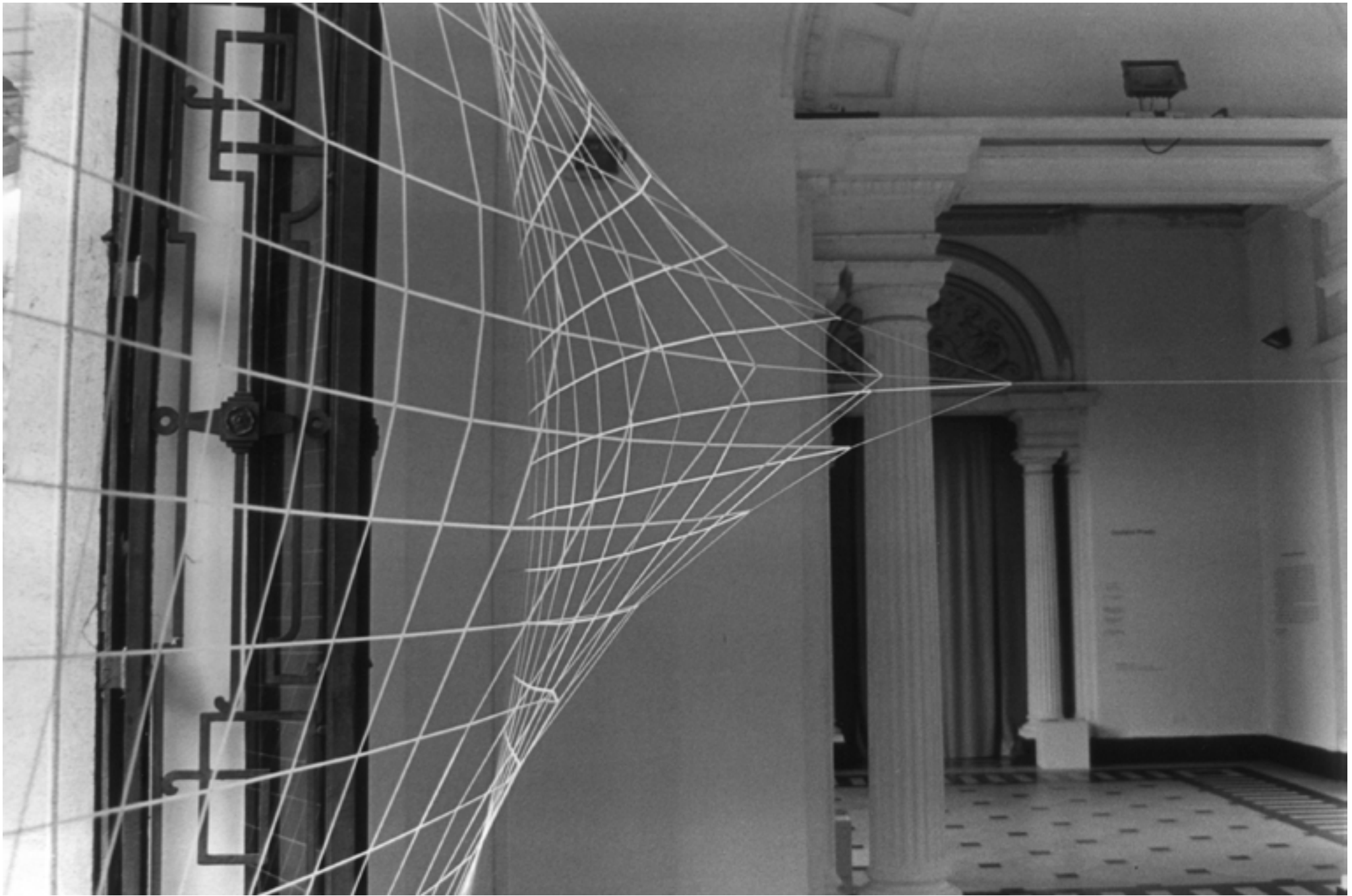


Viés

Paço Imperial | Rio de Janeiro, Brasil, 2015

# **Liberer l'horizon, reinventer l'espace**

Cité des Arts | Paris, França 2009



**Liberer l'horizon, reinventer l'espace**  
Cité des Arts | Paris, França, 2009



**Liberer l'horizon, reinventer l'espace**  
Cité des Arts | Paris, França, 2009



# Capanema

Galeria da Funarte | Rio de Janeiro, Brasil, 2006



**Capanema**

Galeria na Funarte | Rio de Janeiro, Brasil, 2006



**Capanema**

Galeria na Funarte | Rio de Janeiro, Brasil, 2006

**Galeria Lume**

Rua Gumercindo Saraiva, 54  
01449-070 São Paulo, Brasil

**55 11 4883-0351**

Seg à Sex – 10h às 19h  
Sábado – 11h às 15h